



aniversário
1954 • 2004

CONIMBRIGA



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA



VOLUME XLV - 2006

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

MARINA AFONSO VIEIRA

Universidade dos Açores.

Bolseira de doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia

ALGUNS ASPECTOS DO POVOAMENTO TARDO ANTIGO
E ALTO MEDIEVAL DO CURSO SUPERIOR DO RIO PAIVA.
AS SEPULTURAS ESCAVADAS NA ROCHA
“Conimbriga” XLV (2006) p. 311-335

RESUMO: O curso superior do rio Paiva pode caracterizar-se grosso modo como uma zona planáltica, entre os 1000 e os 600 m, entrecortado por áreas ribeirinhas do leito desse rio e seus afluentes, que configuram vales entre os 600 e os 300 m. Os recursos são parcos e a paisagem é hoje marcada pela nudez da rocha granítica e pelas manchas verdes de pinhal, pontuada pelos campos agrícolas que procuram as zonas mais férteis e se organizam em torno das povoações.

O estudo da malha de povoamento – e sua evolução desde a época romana à alto medieval – levou à realização de um inventário com recurso a métodos arqueológicos extensivos. Este texto procura analisar apenas os dados correspondentes às sepulturas escavadas na rocha e a forma como estes monumentos poderão estar relacionados com assentamentos coevos (a partir do século VII).

Tendo como base de trabalho oitenta e nove sepulturas escavadas na rocha, distribuídas por trinta e três estações arqueológicas distintas, realiza-se primeiramente um exercício de explanação da informação recolhida: tipologia, situação dos sepulcros, orientação e implantação. De seguida, os resultados são discutidos e contrastados com outras regiões para as quais estão disponíveis estudos.

Chega-se à conclusão que o curso superior do rio Paiva apresenta algumas singularidades que poderão estar relacionadas com o carácter periférico da região, enquanto que outros rasgos o aproximam dos restantes grupos conhecidos de sepulcros rupestres.

Em termos de povoamento, ao admitir-se a possibilidade de associar estes vestígios fúnebres com assentamento alto medieval, verifica-se que seria disperso, coincidindo em parte com o conhecido para

o período precedente. Os dados recolhidos apontam para a realização das sepulturas rupestres à margem de uma organização paroquial, ou seja, estaríamos perante uma situação de templo paroquial ausente ou longínquo em que os fiéis se organizam para prestar culto aos seus mortos.

ABSTRACT: The Upper Paiva valley is mainly an upland complex rising up to 1000 m, here and there cut by the river Paiva and its tributary streams that configure valleys around 600 to 300 m high. The resources are scanty and the landscape is marked by the nudity of the granite rock and the green spots of pinelands, where the tilled fields search for the fertile lands and are organized around settlements.

With the aim to study the settlement pattern – and its evolution from roman times to early middle ages – was made an inventory using extensive archaeological methods. In this text is analysed only the data of rock carved graves and how these monuments can be related to coeval settlement (from 7th century on).

The support for this work is a sample of eighty nine rock carved graves, distributed by thirty three different sites. After an introduction, to the region and methodology, it's made a presentation of the gathered data: typology, situation of the tombs, orientation and setting. Than the results are discussed and confronted to other region's studies.

One of the conclusions drawn is that the Upper Paiva presents some singularities that may be related to it's peripheral character, while other traits approach it to the rest of the known groups of rock carved graves.

In what settlement is concerned, by admitting the possibility of relation between these funerary vestiges and early medieval peopling, is revealed a dispersed pattern, in part coincident with the known reality for the previous period. The data points to the making of the rock cut tombs at the margin of a paroquial organisation, that is, a situation of absent or remote parish leading to an informal organisation of the cult to the dead.

ALGUNS ASPECTOS DO POVOAMENTO TARDO ANTIGO E ALTO MEDIEVAL DO CURSO SUPERIOR DO RIO PAIVA. AS SEPULTURAS ESCAVADAS NA ROCHA*

A região em apreço é *grosso modo* definida pelo curso superior do rio Paiva, portanto desde a sua nascente, na Serra da Nave, até Castro Daire, onde o Paivô se lhe une, e pelos relevos aplanados que o envolvem. A inclinação geral do planalto da Nave, uma superfície de aplanamento em torno dos 1000 m, para o quadrante sudoeste é sublinhada pelo escoamento do rio Paiva, que corre de leste para oeste. A sua drenagem faz-se sobretudo pela margem direita, acompanhando as fracturas predominantes de N.NE.-S.SO.

A área de estudo abrange uma paisagem heterogénea, embora genericamente serrana: uma zona planáltica, onde nasce o rio Paiva, entre os 1000 e os 600 m e as áreas ribeirinhas do leito desse rio, em fase mais desenvolvida, e seus afluentes, que configuram vales entre os 600 e os 300 m. A diversidade de relevos e coberto vegetal têm como nota comum a dureza e dificuldade de condições impostas às populações que teimaram em ali se instalar. Hoje, os solos são magros, pontuados pelo afloramento granítico que marca a paisagem, estando os exíguos recursos disponíveis ligados à abundância de água e à aptidão para a pastorícia.

No que concerne a limites administrativos, este texto refere-se a um levantamento que engloba a totalidade do concelho de Vila Nova de Paiva, uma parte considerável dos concelhos de Moimenta da Beira

* Texto elaborado no âmbito dos seguintes projectos: Da Serra da Nave ao Vouga: Paisagens humanas da Antiguidade Tardia à Alta Idade Média (PNTA) e *Formas de Ocupación Rural en el Cuadrante Noroccidental de la Península Ibérica: Transición y desarrollo entre las épocas Romano y Medieval* (Universidad Autónoma de Madrid – HUM-2004-04010-C02-02-HIST).

e Sátão, também de Castro Daire e pequenos fragmentos dos concelhos de Sernancelhe, Tarouca e Viseu.

Em termos históricos, pode dizer-se que a humanização destas áreas tem um cunho marcadamente rural, ditado pelo seu afastamento de centros urbanos, uma vez que terá sido zona de fronteira entre territórios de *civitates* (pelo menos entre as cabeças de território correspondentes às actuais Viseu e Lamego).

São conhecidos, através de prospecções, uma série de sítios arqueológicos que apontam para a existência de um povoamento disperso durante a Antiguidade Tardia. A evolução desse povoamento depois do desaparecimento da autoridade romana, no decurso do século V, estará intimamente ligada ao carácter rústico desta área periférica, sendo possível que se tenha mantido o padrão de assentamento durante a Alta Idade Média.

Em termos genéricos, essas explorações rurais seriam familiares e talvez vocacionadas para a auto-subsistência, na maioria dos casos, embora também existam alguns locais que se poderão identificar como estabelecimentos voltados para uma lógica de mercado. De uma forma geral, todos estes sítios se localizam em áreas bem irrigadas (como já se disse, a água é um recurso abundante), mas com acesso a recursos diferentes, o que configura um aproveitamento agro-pastoril do território, utilizando-se as zonas mais serranas para a criação de gado e os solos mais espessos para a agricultura, em complementaridade.

O progressivo enfraquecimento da autoridade romana, que culminará no seu desaparecimento no decurso do século V, terá apenas acentuado o carácter rústico desta área periférica, uma vez que não estão disponíveis dados que apontem para um impacto directo das invasões ditas bárbaras.

O povoamento posterior ao século V é uma incógnita que nos tem levado a colocar muitas questões e a procurar respostas no registo arqueológico, apesar da aparente “invisibilidade” de sítios deste período (sobretudo no que toca à sua detecção através de métodos extensivos). Neste panorama, de aparente vazio, as sepulturas escavadas na rocha são um dos elementos que nos fornecem algumas pistas; isoladas, em pequenos núcleos ou em necrópoles, não deveriam estar muito longe dos assentamentos daqueles que as utilizaram. O aparecimento ulterior deste tipo de estrutura funerária não invalida que represente um padrão de povoamento que perdurou no tempo.

As vias que serviriam este território seriam de carácter claramente secundário no quadro de uma rede inter-regional, mas poderiam representar um importante recurso para os seus habitantes. Os traçados viários

detectados são vertebrados pela orografia que apresenta condições mais favoráveis à passagem no sentido Norte/Sul e Este/Oeste e a sua cronologia poderá remontar à antiguidade uma vez que foram detectados sítios de época romana e alto medieval nas suas imediações (VIEIRA, 2004: 31-37).

A recolha dos dados que ora se apresentam foi feita através de pesquisa bibliográfica e prospecções arqueológicas. Com o levantamento efectuado foi possível detectar uma série de sepulcros rupestres, legado das populações que habitaram a zona durante a Alta Idade Média. O inventário recaiu sobre todos os vestígios detectados para a época romana e alto medieval (publicados em VIEIRA, 2004) no âmbito de um projecto de investigação mais vasto e com uma grande diacronia: *Alto Paiva – sociedade e estratégias de povoamento desde a Pré-história Recente à Idade Média*, coordenado por Domingos J. Cruz, de 1998 a 2001. Actualmente prosseguem os trabalhos de inventariação/prospecção no âmbito do projecto *Da Serra da Nave ao Vouga: Paisagens Humanas da Antiguidade Tardia à Alta Idade Média*, portanto numa área mais alargada e com uma cronologia mais específica que abarca a romanização e a alta Idade Média.

Para tratamento da informação recolhida foi elaborada uma base de dados (em FileMaker 4, neste momento actualizada para FileMaker 7), que foi depois explorada através de um sistema de informação geográfica (ArcView 3.1, presentemente actualizado para ArcView GIS 9). Com a ajuda destes programas foi possível analisar os dados e produzir cartografia temática.

Ao nível metodológico, assinala-se uma reformulação do registo em base de dados das sepulturas escavadas na rocha que marca o início de uma nova fase de inventariação iniciada este ano (2005). As alterações deveram-se a vários factores, nomeadamente a necessidade sentida de registar aspectos que anteriormente não se haviam valorizado (como por exemplo a orientação dos sepulcros em graus, registo que só iniciámos já no final do levantamento e que é também considerado mais correcto por Mário J. Barroca, que nos fez esse reparo em 2001) e, por outro lado, a procura de uma plataforma comum de tipificação de dados que permita a comparação entre estudos de diferentes áreas. Neste particular, encontrámos nos trabalhos publicados por Catarina Tente e Sandra Lourenço (1998; 2002) uma metodologia de registo em ficha que nos pareceu muito interessante e que ousámos adaptar para o nosso trabalho, tendo em conta a experiência anteriormente adquirida, as especificidades por nós encontradas e as indicações metodológicas clássicas publicadas na incontornável súmula de artigos dada à estampa com o

título *Necròpolis i sepultures medievals de Catalunya* (Annex 1 de *Acta Mediaevalia*, Barcelona, 1982). Este modelo (vide quadro 1), que foi aplicado no presente estudo, vai ser utilizado para a recolha de novos dados daqui para a frente, pelo que o consideramos ainda provisório e dependente de novos ajustes à medida que o trabalho prosseguir.

As sepulturas escavadas na rocha constituem um dos mais importantes vestígios arqueológicos medievos no território do Alto Paiva. A sua representatividade e visibilidade são os factores que lhe conferem destaque, uma vez que existem outros tipos de estrutura funerária, como os sarcófagos e as sepulturas constituídas por lajes, mas o seu número é, no estado actual dos conhecimentos, diminuto em comparação com os sepulcros rupestres. A sua prolixidade, porém, contrasta com o seu mutismo, uma vez que – dada a sua natureza – só raramente possuem contexto estratigráfico, tendo sido há muito esvaziados do seu conteúdo e desapropriados da sua cobertura. Sendo assim, compreende-se que o maior problema concernente à interpretação destes vestígios seja a cronologia. Apesar de já serem alguns os estudos deste tipo de vestígios, nomeadamente na Beira Alta (sem preocupação de exaustividade refiram-se: VALERA, 1990; TENTE e LOURENÇO, 1998; MARQUES, 2000; LOPES, 2002), continuamos a não possuir indicadores cronológicos que nos permitam balizar com precisão o momento de construção dos sepulcros rupestres.

Os poucos sítios que foram alvo de escavações arqueológicas correspondem a necrópoles associadas a templos e que possuem sobretudo sepulcros de tipo antropomórfico pleno (PINTO, 1983; AMARAL, 2001; LOPES, 2002). Estes locais correspondem a uma ocupação mais ou menos prolongada também na Baixa Idade Média e terão sido alvos preferenciais de várias fases de reutilização, tanto pela proximidade relativamente ao espaço considerado santo, como pela falta de espaço para o crescimento da necrópole. Os indicadores cronológicos obtidos com estes trabalhos são assim pouco interessantes para a compreensão da evolução cronológica do conjunto das sepulturas rupestres.

Noutro momento (VIEIRA, 2004: 69-77) seguimos a interpretação de Mário J. Barroca (1987: 140) no concernente à cronologia e tipologia e ainda consideramos que continua vigente a sua visão crítica, pelo que também aqui servirá de enquadramento. O autor sugere que, no Entre Douro e Minho, a grande maioria dos sepulcros antropomórficos escavados na rocha se poderão atribuir a um momento áureo entre a segunda metade do século IX e os fins dos século XI; enquanto que

o período de evolução, até atingir o contorno axial perfeito, se poderá balizar por volta do século VIII e primeira metade do século IX. Res-salvando diferenças regionais e locais, não temos – de momento – razões para pensar que na área em estudo a evolução tenha sido muito divergente destas linhas gerais.

Começemos por analisar os dados formais sintetizados no quadro em anexo (quadro 2) e parcialmente tratados graficamente para melhor leitura. No total foram inventariadas oitenta e nove sepulturas provenientes de trinta e três¹ estações diferentes². Numa primeira observação do conjunto, sobressai o predomínio das formas não-antropomórficas sobre as restantes, representando 82% da amostra. Apenas oito foram classificadas como antropomórficas e outro tanto foi designado com tendência antropomórfica, sendo que esta terminologia foi atribuída a sepulcros que no seu interior, ou de forma tímida no exterior, demonstram características antropomórficas. Estas duas últimas categorias formais partilham entre si os 18% restantes.

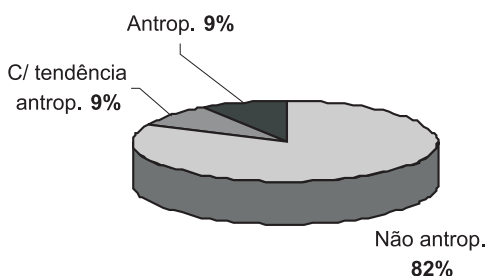


GRÁFICO 1 – *Tipologias gerais de sepulturas*

¹ No mapa são cartografadas 35 estações, mas em duas delas já não foi possível recolher os dados das sepulturas uma vez que estas já haviam sido destruídas (números 6 e 9). Estes dois núcleos não foram considerados para fins estatísticos, exceptuando no concernente à situação das sepulturas.

² Para mais detalhe acerca de cada um dos sítios arqueológicos cfr. VIEIRA, 2004: 105-155, ou resumo actualizado em VIEIRA, no prelo.

Dentro das não-antropomórficas destacam-se as ovaladas (53), representando 65% do total, seguindo-se as sub-rectangulares (16) com 20%; os restantes 15% são partilhados desigualmente pelas sepulturas rectangulares (7), trapezoidais (3) e sub-trapezoidais (2). Estes números já englobam as oito sepulturas inacabadas, que foram delineadas como ovaladas (4) e como sub-rectangulares (4).

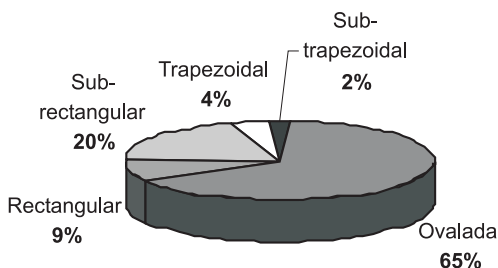


GRÁFICO 2 – *Tipos de sepulturas não antropomórficas*

Se considerarmos que uma sepultura de adulto terá mais de 1,40 m de comprimento (BOLÒS I MASCLANS e PAGÈS I PARETÁS, 1982: 69) podemos dizer que não se registam monumentos correspondentes a crianças e adolescentes.

Quanto à situação das sepulturas, como seria de esperar, a maioria dos registos (49) correspondem a inclusão em necrópole (esta terminologia foi aplicada a todos os núcleos com mais de três sepulcros), o que corresponde a 55% dos oitenta e nove monumentos. 28% constituem núcleos de duas/três sepulturas (25 registos) e os restantes 17% correspondem a casos isolados (15 no total, 2 das quais estariam originalmente em grupo³).

³ Nestes casos foi-nos indicado pela população que existiriam mais sepulturas, mas que foram destruídas. Na maioria dos casos a destruição de sepulturas deve-se à extracção de pedra, pois as cavidades dos sepulcros facilitam a extracção. Alguns dos exemplares que não foram totalmente destruídos apresentam marcas de mutilação em forma de guilhos.

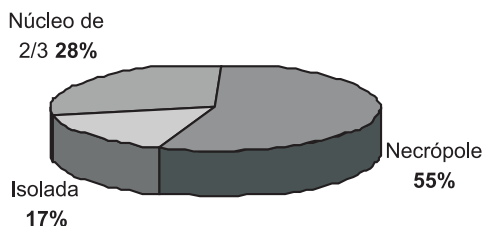


GRÁFICO 3 – Distribuição das sepulturas por situação dos sítios arqueológicos

Se analisarmos a distribuição da situação por sítios arqueológicos obtemos informação distinta. Assim, temos uma maioria de sítios (14) que representam sepulturas isoladas, na ordem dos 40%. Uma percentagem idêntica é atingida pelos núcleos de duas/três sepulturas se lhe juntarmos os 6% que correspondem às sepulturas que actualmente se encontram isoladas, mas existe informação segura de que corresponderam já a um grupo. As necrópoles (7) representam apenas 20% dos sítios conhecidos e desta percentagem 11% refere-se a pequenas necrópoles que não têm mais de cinco sepulcros, enquanto que os restantes 9% correspondem a núcleos com oito ou mais monumentos.

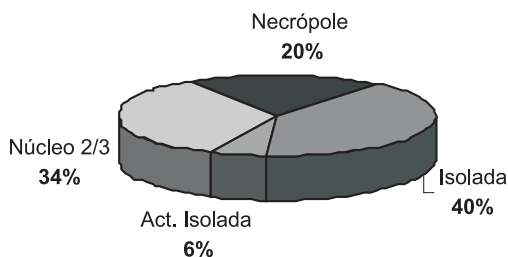


GRÁFICO 4 – Distribuição dos sítios arqueológicos por situação

No que toca à orientação dos oitenta e nove sepulcros inventariados, em seis casos não foi possível a sua determinação, quer por destruição do monumento, quer por se encontrarem escavados em monólitos que foram visivelmente movidos.

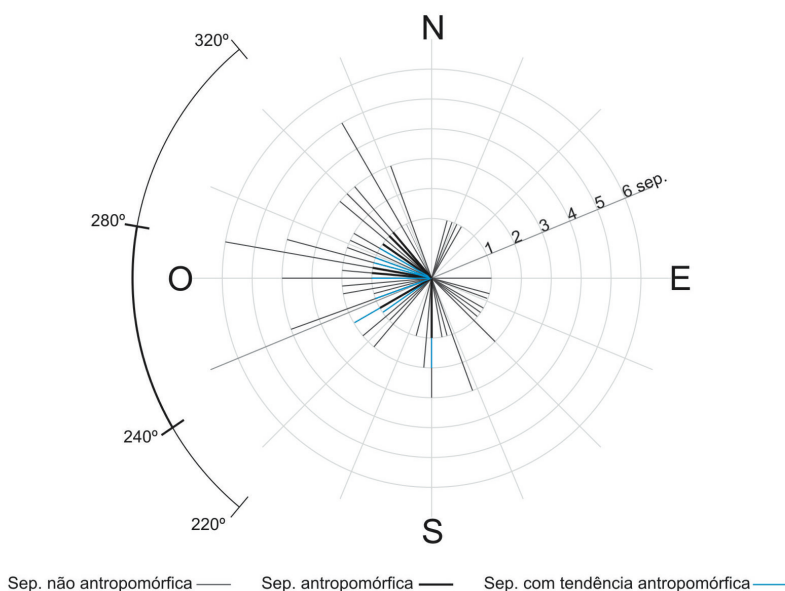


GRÁFICO 5 – *Representação da orientação das sepulturas em graus*

Atentando no gráfico de distribuição da orientação das sepulturas⁴ (Gráfico 5), podemos constatar que quase todas as soluções são pos-

⁴ A orientação das sepulturas foi determinada através do uso de uma bússola e arredondada aos 5° para facilitar a leitura dos valores. Como a maioria das sepulturas não são antropomórficas, recorreu-se aos seguintes critérios para estabelecer a localização da cabeceira: a extremidade mais alargada da sepultura corresponde à colocação da cabeça; quando existe inclinação do leito corresponde à cabeceira o ponto mais elevado; aos pés pode corresponder uma menor profundidade da cavidade sepulcral. Não podemos deixar de indicar que estes critérios têm limitações óbvias e que a ausência do esqueleto não nos permite saber com rigor qual seria a posição efectivamente adoptada. Na escavação da necrópole de Esquerda (Osona, Espanha) foram detectados enterramentos, em túmulos antropomórficos, em que a cabeça se encontrava em plano inferior ao dos pés, embora esta situação correspondesse apenas a cerca de 9% dos sepulcros escavados (OLICH I CASTANYER, 1982: 132 e quadro V).

síveis. É discernível alguma concentração no intervalo entre os 220° e os 320°. A orientação prescrita pela Igreja, que implicava a colocação da cabeça do defunto voltada para leste, deveria ser determinada através da observação solar e como esse indicador é desigual ao longo do ano há que considerar uma variação na ordem dos 40°; desta forma a orientação canónica poderá encontrar-se entre os 240° e os 280°⁵. Este intervalo engloba um número apreciável de sepulturas e uma concentração das formas antropomórficas e com tendência antropomórfica (as linhas a negro carregado e azul no esquema), embora também seja possível encontrar exemplares desta tipologia até ao arco dos 320° e dois numa orientação muito longe da considerada canónica (180°).

Vejam os de seguida que significado poderão ter os dados expostos. Começando pelas dimensões, vimos acima que não há a registar sepulturas de crianças. Se considerarmos válida a amostragem de oitenta e nove sepulturas para este território, podemos dizer que é característica da região esta ausência. No caso dos adultos, a sepultura escavada na rocha não seria o único tipo de enterramento possível, por isso não é de estranhar que outras soluções tenham sido encontradas para as faixas etárias mais baixas, sobretudo se pensarmos que um sepulcro rupestre seria uma solução onerosa. Noutras áreas, para as quais estão disponíveis números, a percentagem de sepulturas de crianças é sempre diminuta, sendo ainda menor a de bebés (TENTE e LOURENÇO, 1998: 206; MARQUES, 2000: 199), pelo que se pode dizer que a existência de sepulcros rupestres infantis é uma situação excepcional que também tem eco na região do curso superior do Paiva.

Quanto à situação dos sepulcros, é característica da região as sepulturas apresentarem-se isoladas ou em pequenos grupos, sendo raras as necrópoles e não existindo nenhuma concentração acima dos treze túmulos⁶. Na região de Viseu as sepulturas isoladas atingem mais de

⁵ Veja-se o trabalho de Imma Ollich i Castanyer (1982) relativo à necrópole de Esquerda. A autora catalã encontrou este intervalo através do estudo exaustivo desta necrópole e refere as óbvias limitações, começando pelo facto de nós hoje determinarmos a orientação através de uma bússola, pelo que imediatamente se coloca a questão da diferença entre o norte magnético e o norte geográfico, a que acresce a variabilidade do norte magnético ao longo dos anos, sendo desconhecido o valor para o período em questão. Desde que não se esqueçam estas restrições, pensamos que é válido o tipo de registo que efectuámos.

⁶ Estes são os números actuais, pois existe informação segura da destruição de várias sepulturas em alguns dos núcleos e necrópoles.

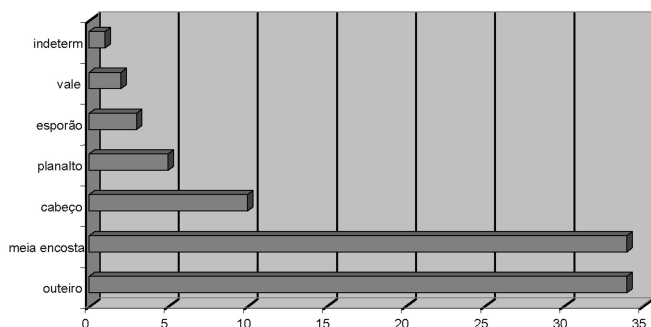
75% do total estudado (Marques, 2000: 219, embora o autor não refira se alguns dos casos se reportam a sepulturas que se encontram actualmente isoladas por destruição de outros exemplares); na região a sul do Douro estudada por Alexandra Lopes⁷ (2002) a percentagem obtida está mais próxima da nossa, rondando os 31%; em Gouveia e Carregal do Sal regista-se uma percentagem de 42% para as sepulturas isoladas, em consonância com os nossos 40% (TENTE e LOURENÇO, 1998: 212).

Descartando a explicação que atribui as sepulturas isoladas a fenómenos de eremitismo, pode-se apelar à coexistência de outras formas de enterramento a par do uso da sepultura rupestre, que são menos fáceis de detectar com métodos extensivos. Assim, uma única sepultura poderá indicar a existência de um pequeno assentamento que apenas produziu uma cavidade na rocha para inumar um dos seus mortos, certamente alguém de maior estatuto no grupo. A excepcionalidade poderá dever-se a questões de hábito e ainda às posses do indivíduo em questão, uma vez que estes túmulos são esculpidos por artífices especializados que certamente teriam que se deslocar (BARROCA, 1987: 121).

Ainda relativamente à presença de sepulcros isolados e em núcleos de dois/três, consideramos muito pertinente esta observação explicativas que passamos a citar: *em vários casos parece-nos que a existência de sepulturas rupestres isoladas ou agrupadas em número restrito se pode explicar, também, pela presença de vias de comunicação, pela própria organização da propriedade individual ou pela vontade de se ter sepultura bem destacada na paisagem* (BARROCA, 1987: 129).

Efectivamente, pode dizer-se que foram escolhidos penedos que se destacariam na paisagem e de alguma forma estariam presentes no quotidiano dos que habitavam perto, inseridos numa lógica de culto familiar dos mortos. A escolha de outeiros e cabeços parece apontar nesse sentido (num total de 89 sepulturas: 34 em outeiro, 10 em cabeço e 3 em esporão, cf. Gráfico 6), embora seja também apreciável o número de sepulcros que se encontram a meia encosta (34 sepulturas), geralmente em locais de destaque devido à penedia.

⁷ Queremos aqui deixar o agradecimento à autora que simpaticamente nos proporcionou o acesso ao seu texto.

GRÁFICO 6 – *Implantação das sepulturas*

A questão da proximidade viária é algo mais difícil de precisar, sobretudo devido à questão da cronologia de muitos dos caminhos que hoje se encontram junto das sepulturas, contudo há alguma coincidência da proximidade de hipotéticos eixos viários antigos com sepulturas escavadas na rocha (vide Mapa 2; cf. VIEIRA, 2004: 76).

A representatividade dos núcleos de duas a três sepulturas para o nosso território é afim à detectada em Gouveia e Carregal do Sal, onde têm uma fatia de 45% (TENTE e LOURENÇO, 1998: 212), tal como também não se afasta muito dos cerca de 34% obtido com os números indicados por Alexandra Lopes (2002). Ao nível das necrópoles, encontramos uma singularidade no curso superior do Paiva, quando comparado com o curso superior do Douro. Nesta área, a sul do rio, as necrópoles rupestres estão tão representadas como as sepulturas isoladas (cerca de 31%) e foram detectadas dezassete necrópoles com até dez sepulcros e oito com mais de uma dezena (situando-se metade na vintena e duas muito extensas, com 39 e 86 sepulturas respectivamente). As pequenas necrópoles do nosso território coadunam-se mais com o panorama da região de Viseu, onde os conjuntos com mais de uma dezena de tumulações representam apenas 2,8% do total estudado (MARQUES, 2000:187), bem como com a realidade de Gouveia e Carregal do Sal, concelhos onde as necrópoles representam apenas 13% (TENTE e LOURENÇO, 1998: 212).

O contraste com a região alto duriense pode ficar a dever-se ao fraco poder de atracção destas terras alto paivenses, menos férteis e de carácter mais serrano, que não atraíram assentamentos de importân-

cia estratégica, que potenciasssem a concentração demográfica, como naquela região.

Se considerarmos que os sepulcros escavados na rocha poderão ser indicadores do padrão de povoamento⁸, teríamos, para o vale superior do rio Paiva, uma paisagem pontuada por um povoamento de tipo disperso, idêntico ao existente na Antiguidade Tardia (persistindo o padrão, mas não necessariamente o modelo económico). Estão ausentes os sepulcros equacionáveis com povoados fortificados, portanto apenas se pode falar de assentamentos em campo aberto.

Dado que as sepulturas não reflectem forçosamente a densidade populacional, cremos que é algo arriscado relacionar o número de sepulturas existente com a menor ou maior dimensão das explorações agro-pastoris, sem tomar em consideração outros aspectos. De momento, limitamo-nos a fazer a sugestão de que às necrópoles corresponderá um núcleo populacional um pouco mais alargado do que o que existiria no caso das sepulturas isoladas e das agrupadas em pequenos núcleos.

Relativamente ao padrão de povoamento propriamente dito, observa-se (vide Mapa 2) uma tendência para a ocupação de zonas próximas dos vales irrigados, a meia encosta, dispondo de distintos recursos que indiciam uma actividade agrícola combinada com a pastoril. É curioso constatar que algumas sepulturas isoladas se encontram a menos de 1000 m umas das outras, veja-se a título de exemplo: no caso dos sítios 87, 88 e 89 a distância máxima não chega aos 600 m; um espaço ainda menor separa os números 7, 8 e 9, embora aqui tenhamos um núcleo de dois/três sepulcros; ainda abaixo de 1000 m de distância encontramos as estações 96, 97 e 99, sendo, a primeira, uma sepultura isolada e, as outras duas, pequenos núcleos. Parece-nos que esta situação poderá configurar a existência de uma única comunidade, que não possuiria um espaço sepulcral definido, e procurava os limites do espaço dos vivos para inumar os seus defuntos, de acordo com a tradição que vinha da antiguidade (BARROCA, 1987: 9-10).

Quando as distâncias entre os sítios ultrapassam os 1000 m pensamos que as sepulturas já podem ser atribuídas a assentamentos distintos, ainda que de acordo com a proximidade se possa pensar em laços

⁸ Dada a limitação do espaço não vamos aqui abordar a questão dos vestígios arqueológicos associados às sepulturas escavadas na rocha. Veja-se a exposição deste assunto em VIEIRA, 2004: 25-27, 77-79 e VIEIRA, no prelo.

familiares e relações de entreajuda. Assim, encontramos distintas unidades de produção agro-pastoril separadas entre si de 1200 a 1700 m, o que já pressuporia uma área de exploração interessante para cada uma delas, na ordem dos oito a dezasseis hectares. Alguns exemplos de sítios que observam essas distâncias entre si são: os números 35, 36 e 66; 15 e 33; 28, 61, 62 e 63; 68, 103 e 104.

Regressando à tipologia das sepulturas, verificou-se que existe um claro predomínio das sepulturas não antropomórficas e que dentro das não antropomórficas há uma grande maioria de configuração ovalada. São também estas últimas que apresentam adaptações de tendência anatômica. Assim, nesta área parece estar representada uma fase de evolução das formas não antropomórficas para o antropomorfismo pleno, plasmadas nas oito sepulturas com tendência antropomórfica e que se parece reflectir ainda no carácter algo incipiente de algumas das próprias oito sepulturas classificadas como antropomórficas. Pensamos que é possível que a passagem das formas incipientes para as claramente antropomórficas tenha sido gradual, embora não exista neste território nenhum exemplo semelhante à necrópole de Nave dos Mouros, no concelho de Almeida (LOPES, 2002: 44-48, 255-256), onde se pode fazer a leitura de uma progressiva adaptação da sepultura à forma do corpo humano.

No Alto Minho predominam igualmente as formas não antropomórficas (BARROCA, 1987: 132), enquanto que o contrário se verifica no Douro Litoral e na zona de Chaves (TEIXEIRA, 1996: 176). Quanto a dados disponíveis para sul do Douro, mais propriamente para a Beira Alta, indicam uma maioria de sepulcros antropomórficos. Na região de Viseu (que também engloba a nossa área, mas cujo estudo não inclui alguns dos exemplares por nós catalogados) o antropomorfismo é maioritário (MARQUES, 2000: 215); em Gouveia e Carregal do Sal as sepulturas antropomórficas atingem os 80% das sepulturas inventariadas (TENTE e LOURENÇO, 1998:204); no Douro Superior, na sua margem esquerda, a percentagem ronda os 60% (LOPES, 2002: 253).

A região do Paiva aqui abordada distingue-se então da área envolvente por apresentar uma tendência inversa à detectada nesses outros territórios já estudados. Partindo da premissa que as sepulturas não-antropomórficas são mais antigas, o que tem vindo a ser defendido por vários autores, estaríamos perante soluções de tumulação que corresponderiam a uma fase entre os séculos VII-VIII a IX. No entanto, detectou-se uma tendência para a adaptação anatômica e as sepulturas pro-

priamente antropomórficas são escassas. Um caminho possível para explicar a questão passaria por considerar que na região apenas se teriam construído sepulcros rupestres num momento cronológico mais recuado, mas também se pode enveredar por considerar que terá existido um certo conservadorismo motivado pela marginalidade da zona.

Como há bastantes aspectos que ainda permanecem obscuros, também não se pode descartar a hipótese de a tipologia corresponder a outros factores como os sócio-económicos ou técnicos (TEIXEIRA, 1996: 178; TENTE e LOURENÇO, 1998: 286). Apesar de aliciante, esta abordagem não explica inteiramente a existência de fases intermédias entre as formas não antropomórficas e antropomórficas, mas estes factores poderão ter pesado no momento em que foi definida a forma do sepulcro.

Vejam os agora a questão da orientação. Tal como constatado para o Entre Douro e Minho (BARROCA, 1987: 134), também é detectável que as sepulturas não antropomórficas são as mais susceptíveis de não apresentar orientação canónica e, dentro desse grupo, as isoladas ainda mais acentuadamente (dos 14 exemplares conhecidos nenhum se encontra orientado entre os 240° e os 280°). É provável que tenha pesado mais, em muitas situações, a disponibilidade da matéria-prima (na maioria dos casos trata-se de afloramentos muito irregulares, penedias arredondadas que não apresentam uma grande superfície aproveitável e quando esta existe são escolhidos os pequenos penedos mais destacados) do que o preceito canónico, que poderia até ser desconhecido das populações em momentos mais recuados. Noutras zonas também se verificou a mesma situação, sendo o número de sepulcros não orientados canonicamente sempre superior aos que seguiram a recomendação da Igreja (TENTE e LOURENÇO, 1998: 208; MARQUES, 2000: 202; LOPES, 2002: 258).

A tendência para que as sepulturas antropomórficas incipientes e antropomórficas apresentem orientação canónica, parece ser um argumento a favor de uma cronologia mais recente destas formas. Reforçando esta ideia, temos os exemplos das sepulturas plenamente antropomórficas (ausentes da região em estudo) junto de templos, que só raramente não estão canonicamente direccionadas, ou seja, junta-se a orientação de acordo com as recomendações da igreja à preocupação com a imobilização do corpo (pois será esta a finalidade do antropomorfismo)⁹. Parece-nos que estas características são típicas das necró-

⁹ Acerca do antropomorfismo e imobilização do corpo veja-se, por exemplo, a súmula apresentada por Philippe Trocin (1987: 179-181)

poles rupestres mais evoluídas, que se constituem em volta de um templo sede de paróquia, como por exemplo o cemitério de S. Pedro de Marialva (AMARAL, 2001).

Este tópico da rede paroquial remete-nos para a questão da associação de templos às sepulturas rupestres. No território em estudo não se conhece nenhuma associação deste tipo, apenas se assinala em três sítios a tradição oral da existência de um templo a que não corresponde qualquer tipo de vestígio à superfície. Desses locais, um apenas conserva actualmente uma sepultura (n.º 50 no mapa), os outros são necrópoles (77 e 104) e num desses casos conservou-se o orago: S. Romão (77). Esta situação de desconhecimento de templos junto das sepulturas escavadas na rocha verifica-se igualmente nos concelhos de Carregal do Sal e Gouveia (TENTE e LOURENÇO, 1998: 210), sendo rara a associação na margem esquerda do vale superior do Douro (LOPES, 2002: 226) e na região de Viseu (MARQUES, 2000: 206). Este panorama da Beira Alta contrasta com os dados conhecidos a norte do Douro, pois no Entre Douro e Minho a associação das sepulturas a templos é algo frequente (BARROCA, 1987: 133-134), tal como na região de Chaves (TEIXEIRA, 1996, p. 183).

É muito provável que a ausência de associação a templos se deva a uma inexistência de polarização em torno de uma sede de paróquia, talvez pelo facto de não existir uma suficientemente próxima. O que poderá levar a pensar numa malha paroquial muito lassa, que corresponde à ideia que hoje temos da realidade em época suevo-visigótica. Com o processo de “Reconquista” vai-se estruturando e ampliando a rede paroquial, mas mesmo durante esse período de expansão é provável que algumas comunidades tenham tomado a iniciativa de se organizar em volta de um templo. Segundo Mário Barroca (1987: 129), a coexistência espacial de cemitérios e templos ter-se-á iniciado no século IX, mas a sua generalização só se terá dado alguns séculos mais tarde, por volta do século XI.

Em função do que ficou exposto, talvez se possam equacionar os três sítios que a tradição associa a templos (50, 77, 104) a uma organização pela comunidade, condição que terá sido preterida quando uma nova realidade paroquial foi imposta. Neste contexto não podemos deixar de referir as duas necrópoles não rupestres que se encontram no território e que apresentam tumulações mistas, em sarcófagos e sepulturas estruturadas com lajes. Estas estão associadas a templos que existem actualmente, uma é igreja matriz, de Vila Cova-à-Coelheira, consagrada

a S. João Baptista (95), a outra uma ermida dedicada a S. Martinho (83). Existem vestígios que apontam para a existência de templos coevos das sepulturas, o que nos remete para a preocupação de sepultar *appud ecclesia* e talvez esteja relacionada com uma reorganização paroquial. Coloca-se então a questão se estes locais serão sinal de uma alteração ao nível do povoamento e se poderão corresponder ao momento em que os antigos assentamentos dispersos são abandonados em prol de um habitat de tipo concentrado. De qualquer das formas o percurso de um e outro sítio é muito distinto. Vila Cova-à-Coelheira é uma povoação actual que se estruturou em volta do povoado medieval, enquanto que S. Martinho não teve continuidade de povoamento. É no sentido de procurar hipóteses explicativas para estas questões que prosseguimos a investigação nesta zona, nomeadamente conduzindo escavações arqueológicas em volta da capela de S. Martinho.

As pequenas conclusões a que fomos chegando, ao longo do texto, permitiram esboçar, em traços largos, o pouco que se sabe do comportamento perante a morte da população que habitou o vale superior do Paiva durante a Alta Idade Média. A região possui mais traços em comum do que disparidades relativamente a outras áreas estudadas, sendo o carácter mais marcante o número maioritário de sepulturas não antropomórficas. De uma forma geral, os indícios recolhidos apontam para um certo arcaísmo da zona, mas será necessário reunir mais dados para que as hipóteses ganhem consistência de respostas.

Procurámos ainda relacionar os vestígios funerários com o povoamento coevo e obtivemos a imagem, ainda que certamente desfocada pelo tempo e pelo homem, de uma região salpicada por explorações agro-pastoris nos interflúvios aplanados.

O presente texto foi, de certa forma, um balanço do trabalho realizado até ao momento, pelo que esperamos poder contrastar em breve este panorama com as áreas limítrofes que agora nos ocupam, bem como enriquecer a perspectiva de alguns sítios através das escavações arqueológicas que estão em curso.

BIBLIOGRAFIA

AMARAL, Maria Antónia de C. A., 2001: "A necrópole de S. Pedro de Marialva. Estudo arqueológico", *Estudos/Património* 1: 129-138.

- BARROCA, Mário J., 1987: *Necrópoles e sepulturas medievais de Entre-Douro-e-Minho (séculos V a XV)*, Porto, provas ECDU apresentadas à Faculdade de Letras, texto policopiado.
- BOLÒS I MASCLANS, Jordi e PAGÈS I PARETÀS, Montserrat, 1982: “Les sepultures excavades a la roca”, *Necròpolis i sepultures medievals de Catalunya* [Annex 1 de *Acta/Medievalia*], Barcelona: 59-97.
- LOPES, Isabel Alexandra R. J., 2002: *Contextos materiais da morte durante a Idade Média: as necrópoles rupestres do Douro Superior*, Porto, dissertação de mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras, texto policopiado.
- MARQUES, Jorge A. M., 2000: *Sepulturas escavadas na rocha na região de Viseu*. Viseu.
- OLLICH I CASTANYER, Imma, 1982: “Tipologia de les tombes de la necropolis medieval de l’Esquerda (Osona)”, *Necròpolis i sepultures medievals de Catalunya* [Annex 1 de *Acta/Medievalia*], Barcelona: 105-147.
- PINTO, A. Nunes, 1983: “Notas sobre a necrópole medieval da igreja matriz de Mangualde”, *Mundo da Arte* 16: 67-70.
- TEIXEIRA, Ricardo, 1996: *De Aquae Flaviae a Chaves. Povoamento e organização do território entre a Antiguidade e a Idade Média*, Porto, dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras, texto policopiado.
- TENTE, Catarina e LOURENÇO, Sandra, 1998: “Sepulturas medievais escavadas na rocha dos concelhos de Carregal do Sal e Gouveia: estudo comparativo”, *Revista Portuguesa de Arqueologia* 1 (2): 191-218.
- TENTE, Catarina e LOURENÇO, Sandra, 2002: “Sepulturas medievais do distrito de Évora”, *Revista Portuguesa de Arqueologia* 5 (1): 239-258.
- TROCIN, Philippe, 1987: “Les Tombes Anthropomorphes du V^e au XV^e Siècle dans le Midi de la France”, *Archéologie en Languedoc*, fasc. 4 [*Nécropoles Languedociennes de l’Antiquité Tardive et du Haut Moyen Âge*] : 157-190.
- VALERA, António C., 1990: *Sepulturas escavadas na rocha do concelho de Fornos de Algodres*, [s.l.].
- VIEIRA, Marina, 2004: *Alto Paiva. Povoamento nas épocas romana e alto-medieval*, [Trabalhos de Arqueologia 36] Lisboa.
- VIEIRA, Marina, no prelo: “Formas de povoamento rural na região do Alto Paiva (séculos V – X)”, *Cuadernos de Prehistoria y Arqueologia*.

QUADRO 1 – *Chave de nomenclatura do quadro das sepulturas***N – Número sepultura****Nn – N.º dentro do grupo****S – Situação da sepultura**

- 1 – isolada
- 1.1 – actualmente isolada
- 2 – núcleo de 2/3
- 3 – necrópole

SN – Situação em Necrópole

- 1 – isolada
- 2 – em grupo de 2/3

CS – Conservação

- 1 – inteira com tampa
- 2 – inteira sem tampa
- 3 – fracturada
- 4 – inacabada
- 5 – inacabada, fracturada
- 6 – destruída

O – Orientação em graus**T – Técnica construtiva**

- 1 – totalmente escavada na rocha
- 2 – parcialmente escavada na rocha
- 3 – parcialmente escavada na rocha e complementada por lajes

STG – Tipologia geral

- A – não antropomórfica
- Aa – com tendência antropomórfica
- B – antropomórfica

TGA – Tipologia A

- 1 – rectangular
- 1.1 – sub-rectangular
- 2 – trapezoidal
- 2.1 – sub-trapezoidal
- 3 – ovalada

TGB – Tipologia B

- 1 – rectangular
- 1.1 – sub-rectangular
- 2 – trapezoidal
- 2.1 – sub-trapezoidal
- 3 – simétrica

- 4 – assimétrica

- 5 – ombro esquerdo

- 6 – ombro direito

C1 – Cabeceira

- 1 – arco ultrapassado
- 2 – trapezoidal
- 3 – rectangular
- 3.1 – sub-rectangular
- 4 – arco peraltado
- 5 – arco de volta perfeita
- 6 – interior

C2 – Plano da cabeceira

- 1 – cabeceira e leito no mesmo plano
- 2 – cabeceira e leito em planos diferentes
- 3 – “almofada”

Pp – Plano dos pés

- 1 – leito e pés no mesmo plano
- 2 – leito e pés em planos diferentes
- 3 – rebaixamento para pés

C – Comprimento**Cl – Comprimento leito****L – Largura máxima****LO – Largura nos ombros****P – Profundidade máxima****Cc – Comprimento cabeceira****Lc – Largura cabeceira****R – Rebordo**

- 1 – total
- 2 – parcial

Rt – Rebordo tipo

- 1 – saliente
- 2 – rebaixado

SL – Secção longitudinal

- 1 – simétrico
- 1.1 – simétrico, mesmo plano
- 1.2 – simétrico, plano inclinado
- 1.3 – simétrico, plano irregular
- 2 – assimétrico

- 2.1 – assimétrico, mesmo plano
- 2.2 – assimétrico, plano inclinado
- 2.3 – assimétrico, plano irregular

ST – Secção transversal

- 1 – fundo plano, lados divergentes,
- 2 – fundo plano, lados paralelos
- 3 – fundo plano, lados convergentes
- 4 – fundo plano, lados assimétricos
- 5 – fundo côncavo, lados divergentes
- 6 – fundo côncavo, lados paralelos
- 7 – fundo côncavo, lados convergentes
- 8 – fundo côncavo, lados assimétricos
- 9 – fundo inclinado, lados simétricos
- 10 – fundo inclinado, lados assimétricos
- 11 – fundo irregular, lados assimétricos

I – Implantação

- 1 – outeiro
- 2 – cabeça
- 3 – esporão
- 4 – local ermo
- 5 – meia encosta
- 6 – monte

- 7 – planalto
- 8 – terrenos agrícolas
- 9 – terrenos florestais
- 10 – vale

Ie – Implantação específica

- 1 – afloramento
- 2 – aproveitamento de diáclase
- 3 – penedo isolado
- 4 – monólito deslocado

AT – Associação a templo

- 1 – igreja
- 2 – capela
- 3 – tradição existência de templo

PV – Proximidade de traçados viários antigos

- 1 – romano/medieval
- 2 – medieval
- 3 – indeterminado

“0” = indeterminado

“-“ = não existe, não se aplica

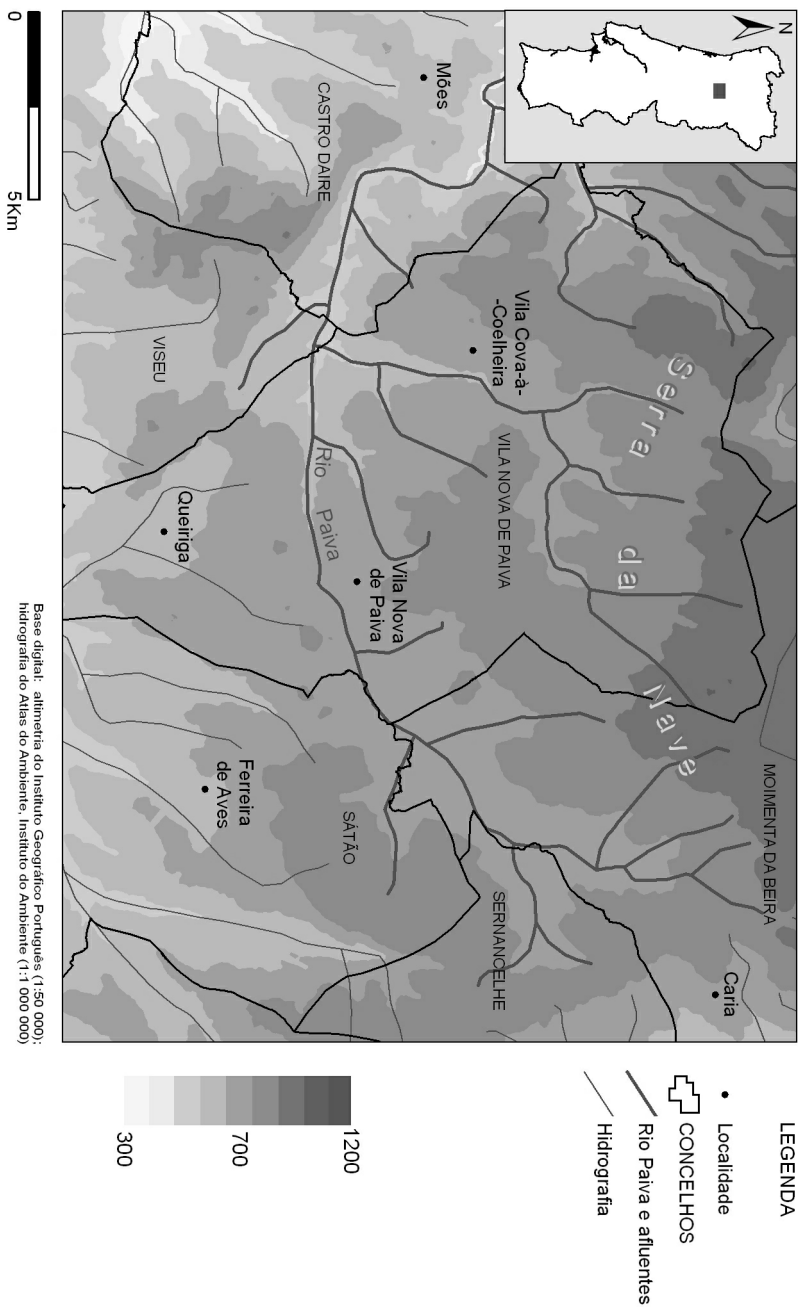
QUADRO 2 – Sepulturas escavadas na rocha

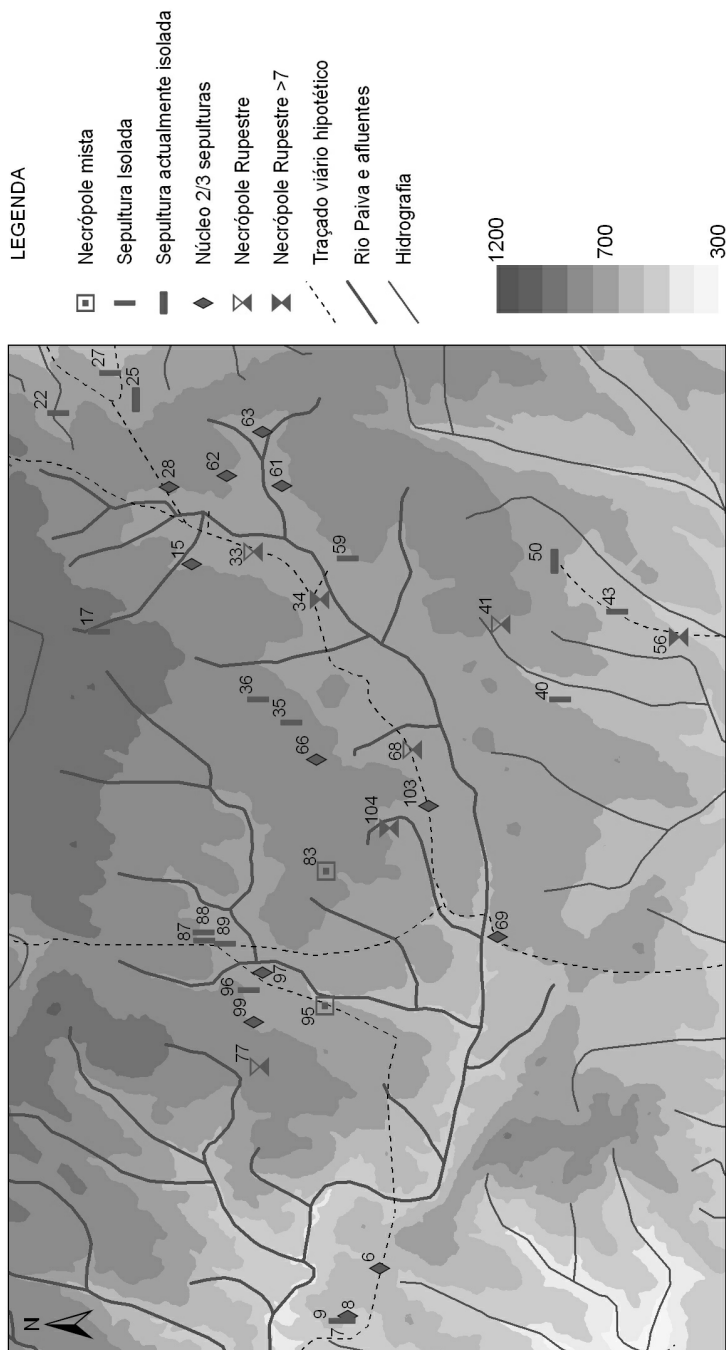
N	NN	S	SN	CS	O	T	TG	TGA	TGB	C1	C2	Pp	C	Cl	L	LO	P	Cc	Lc	R	Rt	SL	ST	I	le	AT	PV
01	01	2	1	2	320	1	B	-	3	1	1	1	185	188	55	50	30	21	35	-	-	2,2	3	2	1	-	-
02	02	2	2	3	315	1	B	-	3	1	1	1	160	0	49	44	30	18	30	-	-	2,2	7	2	1	-	-
03	01	1	-	3	330	1	A	3	-	-	1	1	183	184	55	50	28	-	-	-	-	2,2	11	5	1	-	-
04	01	2	2	3	290	1	A	3	-	-	1	1	172	172	50	48	7	-	-	-	-	0	0	5	1	-	-
05	02	2	2	3	310	1	A	3	-	-	0	0	0	0	0	0	0	-	-	-	-	0	0	5	1	-	-
06	03	2	2	3	305	1	B	-	4	1	1	1	180	160	51	48	23	23	30	-	-	2,2	11	5	1	-	-
07	01	1	-	2	180	1	B	-	4	1	1	3	167	170	50	49	30	20	30	2	1	1,3	11	5	3	-	-
08	01	1	-	2	230	1	A	3	-	-	1	2	191	198	52	52	40	-	-	1	1	2,2	2	5	3	-	-
09	01	1	-	5	330	1	A	1	-	-	-	-	187	-	52	50	-	-	-	-	-	-	5	1	-	-	-
10	01	1	-	2	-	1	A	2	-	-	-	1	196	195	94	94	56	-	-	2	1	1,2	11	5	4	-	-
11	01	2	1	2	185	1	A	3	-	-	-	1	186	191	55	53	32	-	-	-	-	2,2	2	5	1	-	-
12	02	2	1	2	240	1	B	-	3	1	2	1	161	167	55	54	37	20	32	-	-	2,2	1	5	1	-	-
13	01	3	1	3	335	1	A	3	-	-	1	1	192	188	50	50	40	-	-	-	-	1,1	2	7	3	-	-
14	02	3	1	2	165	1	A	3	-	-	1	3	180	175	54	50	36	-	-	-	-	2,1	1	7	1	-	-
15	03	3	2	3	180	1	Aa	1	-	6	1	1	182	185	48	48	46	32	30	-	-	1,3	2	7	3	-	-
16	04	3	2	3	180	1	A	3	-	-	1	0	176	170	55	53	44	-	-	-	-	0	2	7	3	-	-
17	01	3	1	3	265	1	A	1	-	-	1	1	170	174	60	60	33	-	-	-	-	2,1	11	1	1	-	-
18	02	3	1	3	160	1	A	3	-	-	1	3	165	165	0	0	33	-	-	2	1	0	2	1	3	-	-
19	03	3	1	3	300	1	Aa	2	-	6	1	1	158	158	52	52	50	12	24	2	1	2,2	2	1	3	-	-
20	04	3	1	3	-	1	B	-	2,1	3	3	1	188	188	57	54	38	30	25	2	1	1,2	2	1	4	-	-
21	05	3	1	3	135	1	A	1	-	-	1	3	172	168	62	60	40	-	-	2	1	1,2	0	1	3	-	-
22	06	3	1	3	125	1	A	1	-	-	2	0	160	170	46	43	40	-	-	-	-	0	6	1	3	-	-

N	NN	S	SN	CS	O	T	TG	TGA	TGB	C1	C2	Pp	C	CI	L	LO	P	Cc	Lc	R	Rt	SL	ST	I	le	AT	PV
23	07	3	1	3	320	1	A	1	-	-	1	1	178	176	59	59	38	-	-	2	1	2.1	2	1	3	-	-
24	08	3	1	3	130	1	A	1	-	-	1	1	181	181	0	0	32	-	-	2	1	2.2	2	1	3	-	-
25	01	1	-	3	285	1	Aa	1	-	6	1	1	178	185	50	48	36	24	40	2	1	2.2	2	5	1	-	-
26	01	1	-	4	295	1	A	3	-	-	0	0	160	0	46	0	0	-	-	-	-	-	-	1	3	-	-
27	01	1	-	2	220	1	A	2	-	-	1	3	171	174	49	47	22	-	-	-	-	1.3	1	2	1	-	-
28	01	3	1	2	120	1	A	3	-	-	1	1	178	172	49	49	49	-	-	-	-	2.2	2	5	1	3	-
29	02	3	2	3	280	1	A	3	-	-	1	1	185	183	48	48	36	-	-	-	-	2.2	3	1	1	3	-
30	03	3	2	4	280	1	A	3	-	-	0	0	162	0	57	0	0	-	-	2	1	0	0	1	1	3	-
31	04	3	1	5	315	1	A	1	-	-	0	0	170	0	66	0	0	-	-	-	-	0	0	1	3	3	-
32	05	3	1	4	000	1	A	1	-	-	0	0	154	0	50	0	0	-	-	-	-	0	0	1	3	3	-
33	01	1	-	2	020	1	A	3	-	-	0	0	162	0	57	57	0	-	-	-	-	0	0	5	1	-	1
34	01	1	-	3	110	1	A	1	-	-	0	1	172	174	52	0	25	-	-	-	-	0	0	1	3	3	-
35	01	3	1	3	250	1	A	3	-	-	1	1	170	173	53	52	40	-	-	-	-	2.2	1	5	1	-	-
36	02	3	1	2	320	1	A	3	-	-	1	1	180	180	60	60	44	-	-	-	-	2.2	6	5	3	-	-
37	03	3	1	4	315	1	A	3	-	-	0	0	0	0	0	0	0	-	-	-	-	0	0	5	3	-	-
38	04	3	1	3	340	1	A	3	-	-	1	1	160	160	0	0	42	-	-	-	-	0	2	5	3	-	-
39	05	3	1	2	030	1	A	3	-	-	1	1	188	186	52	51	33	-	-	-	-	1.2	11	5	3	-	-
40	06	3	1	2	330	1	A	3	-	-	1	3	191	192	53	51	40	-	-	-	-	2.2	2	5	3	-	-
41	07	3	1	3	280	1	A	3	-	-	1	1	174	175	54	53	38	-	-	-	-	0	9	5	3	-	-
42	08	3	1	2	270	1	A	3	-	-	1	1	201	200	59	57	40	-	-	-	-	2.1	10	5	3	-	-
43	01	1	-	2	300	1	A	1	-	-	1	1	171	166	48	46	28	-	-	-	-	2	0	5	1	-	-
44	01	2	1	2	250	1	Aa	3	-	6	1	3	176	174	53	51	33	16	26	2	1	2.2	5	5	3	-	-

PV	AT	le	I	ST	SL	Rt	R	Lc	Cc	P	LO	L	CI	C	Pp	C2	C1	TGB	TGA	TG	T	O	CS	SN	S	NN	N
45	02	2	1	2	3	1	2	1	2	1	2	1	2	1	2	1	2	1	2	1	2	1	2	1	2	1	2
46	03	2	1	4	105	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1
47	01	2	1	2	330	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1
48	02	2	1	2	160	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1
49	03	2	1	3	185	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1
50	01	2	1	3	280	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1
51	02	2	1	3	310	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1
52	03	2	1	2	310	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1
53	01	2	1	2	220	1	A	1	1	A	1	1	A	1	1	A	1	1	A	1	1	A	1	1	A	1	1
54	02	2	1	2	3	170	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1	A	3
55	01	3	1	2	280	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1
56	02	3	1	2	290	1	Aa	3	1	Aa	3	1	Aa	3	1	Aa	3	1	Aa	3	1	Aa	3	1	Aa	3	1
57	03	3	1	2	160	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1
58	04	3	1	2	225	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1
59	05	3	1	3	270	1	A	2	1	A	2	1	A	2	1	A	2	1	A	2	1	A	2	1	A	2	1
60	01	2	1	3	-	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1
61	02	2	1	3	-	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1
62	01	3	1	3	180	1	A	1	1	A	1	1	A	1	1	A	1	1	A	1	1	A	1	1	A	1	1
63	02	3	1	3	285	1	A	1	1	A	1	1	A	1	1	A	1	1	A	1	1	A	1	1	A	1	1
64	03	3	1	3	285	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1
65	04	3	1	3	285	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1
66	05	3	1	3	015	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1	A	3	1

N	NN	S	SN	CS	O	T	TG	TGA	TGB	C1	C2	Pp	C	Cl	L	LO	P	Cc	Lc	R	Rt	SL	ST	I	le	AT	PV
67	01	1	-	3	-	1	A	1	-	-	1	1	197	188	60	0	32	-	-	1	1	2,2	2	5	4	-	-
68	01	1	-	2	025	1	A	1	-	-	1	1	180	168	54	50	38	-	-	2	1	2,2	2	1	3	-	-
69	01	1	-	3	-	1	A	3	-	-	1	1	164	160	50	50	33	-	-	1	1	2,2	11	1	4	-	-
70	01	1	-	3	090	1	A	1	-	-	1	1	172	170	50	0	30	-	-	1	1	2,1	2	7	3	-	3
71	01	2	-	2	260	1	A	3	-	-	1	1	185	180	54	54	35	-	-	-	-	0	0	1	3	-	-
72	02	2	-	2	270	1	A	3	-	-	1	1	210	200	57	56	33	-	-	-	-	0	0	1	3	-	-
73	01	2	-	2	295	1	A	3	-	-	1	1	187	179	55	55	33	-	-	-	-	1,2	3	5	1	-	-
74	02	2	-	3	340	1	A	3	-	-	1	1	176	180	0	0	31	-	-	-	-	2,2	0	5	1	-	-
75	01	2	-	4	340	1	A	1	-	-	0	0	169	0	48	46	13	-	-	2	1	0	0	5	1	-	1
76	02	2	-	3	330	1	A	3	-	-	0	0	148	147	44	44	0	-	-	-	-	0	0	5	1	-	1
77	01	3	2	3	230	1	A	1	-	-	1	0	0	0	0	0	40	-	-	2	1	0	0	1	3	3	1
78	02	3	2	3	250	1	A	3	-	-	0	0	118	0	38	32	36	-	-	-	-	0	0	1	3	3	1
79	03	3	2	2	135	1	A	2	-	-	1	1	174	169	52	51	38	-	-	2	1	2,2	2	1	3	3	1
80	04	3	2	3	240	1	Aa	3	-	6	1	1	174	169	47	44	39	22	24	2	1	2,2	2	1	3	3	1
81	05	3	1	3	265	1	A	1	-	-	0	0	0	0	0	0	0	-	-	2	1	0	0	1	3	3	1
82	06	3	2	2	250	1	A	1	-	-	1	1	164	179	56	56	50	-	-	2	1	2,2	2	1	3	3	1
83	07	3	2	3	255	1	A	3	-	-	0	0	0	0	0	0	0	0	0	-	-	0	0	1	3	3	1
84	08	3	2	3	280	1	B	-	2,1	1	1	1	193	192	52	50	38	25	24	2	1	1,2	4	1	3	3	1
85	09	3	2	3	235	1	Aa	3	-	6	1	1	181	178	62	50	50	20	20	1	1	2,2	2	1	3	3	1
86	10	3	2	3	275	1	B	-	2,1	1	1	1	172	170	50	46	19	17	32	1	1	2,2	2	1	3	3	1
87	11	3	1	3	260	2	A	3	-	-	0	0	0	0	0	0	0	0	0	-	-	0	0	1	1	3	1
88	12	3	1	3	270	1	Aa	3	-	-	1	1	184	0	0	0	0	28	0	-	-	0	0	1	3	3	1
89	13	3	1	2	195	1	A	1	-	-	1	1	171	174	49	47	38	-	-	-	-	2,1	9	1	3	3	1





Sítios cartografados na Estampa II [Número, designação, freguesia, concelho]

- 7**, Rebolada, Touro, Vila Nova de Paiva
- 8**, Aveleira, Mões, Castro Daire
- 15**, Penedos, Ariz, Moimenta da Beira
- 17**, Pulo do Lobo, Ariz, Moimenta da Beira
- 22**, Fonte do Ouro, Caria, Moimenta da Beira
- 25**, Porto, Caria, Moimenta da Beira
- 27**, Lagar dos Mouros, Caria, Moimenta da Beira
- 28**, Laja Velha, Caria, Moimenta da Beira
- 33**, Covais, Peva, Moimenta da Beira
- 34**, Casal dos Mouros, Peva, Moimenta da Beira
- 35**, Portela, Peva, Moimenta da Beira
- 36**, Um Santo, Peva, Moimenta da Beira
- 40**, Mata do Pinheiro, Ferreira de Aves, Sátão
- 41**, Quinta de Paredes, Ferreira de Aves, Sátão
- 43**, Cerdeira do Lagar, Ferreira de Aves, Sátão
- 50**, Vinha da Moita, Ferreira de Aves, Sátão
- 56**, Quinta da Eira, Ferreira de Aves, Sátão
- 59**, Ferradia, Forles, Sátão
- 61**, Lameira, Lamosa, Sernancelhe
- 62**, A-do-Conde, Lamosa, Sernancelhe
- 63**, Lameira de Oleiros, Lamosa, Sernancelhe
- 66**, Outeiro das Pias, Alhais, Vila Nova de Paiva
- 68**, Pousada das Campas, Alhais, Vila Nova de Paiva
- 69**, Cama da Moura, Fráguas, Vila Nova de Paiva
- 77**, São Romão, Pendilhe, Vila Nova de Paiva
- 87**, Sarnoso, Touro, Vila Nova de Paiva
- 88**, Alto do Coxo, Touro, Vila Nova de Paiva
- 89**, Rebolada, Touro, Vila Nova de Paiva
- 89**, Ribeirinho, Touro, Vila Nova de Paiva
- 96**, Debotinos, Vila Cova-à-Coelheira, Vila Nova de Paiva
- 97**, Muragos, Vila Cova-à-Coelheira, Vila Nova de Paiva
- 99**, Miguela, Vila Cova-à-Coelheira, Vila Nova de Paiva
- 103**, Coval, Vila Nova de Paiva, Vila Nova de Paiva
- 104**, Carvalhais, Vila Nova de Paiva, Vila Nova de Paiva

A numeração corresponde ao catálogo publicado em Vieira, 2004.